

# O não lugar do negro retratado no romance Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo

Patricia Maria dos Santos Santana<sup>1</sup>

*“Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.”*

*Neuza Santos Souza, Tornar-se Negro*

## Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar a obra *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo no que tange à representação do não lugar do negro no romance. Na obra mencionada, existe uma preocupação em mostrar a verdadeira face do negro em nosso país, ou seja, uma face cheia de inferioridade e preconceito que o imaginário social criou devido à escravidão que tivemos aqui. A autora é uma espécie de porta-voz das inquietudes que assombram a mencionada etnia. Oriunda do sofrimento desse povo, Evaristo sabe demonstrar, melhor do que ninguém, a dor que sentem. Por meio do livro, a autora exige, assim, um melhor cuidado social para essa etnia tão rica de valores e tão valente.

**Palavras-chave:** Negritude. Espaço. Memória. Identidade. Evaristo.

## 1 Introdução

Em relação à intenção ideológica da escrita, existe uma colocação muito boa de Antônio Candido (2000) que afirma que a literatura negra é aquela que trafega na contramão. Para o autor, essa é uma literatura saída da revolta contra a situação de marginalidade à qual sempre foi condenada. Todavia, atualmente ela mesma parece

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela UFRJ, pós-graduada em Docência do Ensino Superior e em Língua Inglesa pela UCAM e mestranda em Letras e Ciências Humanas pela UNIGRANRIO.

tomar partido dessa situação fazendo uma reconstrução da imagem do negro de forma bastante positiva. Octavio Paz (1982) pontua que é como se os signos estivessem em perpétuo movimento de rotação, considerando que os símbolos que nos exilam podem ser os mesmos que nos constituem em nossa formação humana. O exercício de um recentramento cultural é o principal componente das literaturas negras, independentemente da língua através da qual se exprimam ou do país de onde elas surgem. Em nosso trabalho, mostraremos a autora Conceição Evaristo preocupada em marcar, através de sua escrita, toda a hipocrisia da sociedade que a rodeia. Problemas são apontados para serem sanados, debatidos e a literatura é uma arma poderosa para assumir o papel de denúncia ao que não nos satisfaz. Sobre tal fato, Leyla Perrone-Moysés pontua que:

[...] o que torna o real de nosso momento histórico mais agudamente insatisfatório é a maior complexidade de dados de que dispomos, aumentando a nossa capacidade de conhecer e, paradoxalmente, impedindo-nos de chegar a uma visão de conjunto. O que há, e já houve em doses mais confortadoras para o homem, são modos de reagir à insatisfação que o mundo nos causa. [...]

Na sua gênese e na sua realização, a literatura aponta sempre para o que falta no mundo e em nós. Ela empreende dizer as coisas como são faltantes, ou como deveriam ser, completas. Trágica ou epifânica, negativa ou positiva, ela está sempre dizendo que o real não satisfaz (PERRONE-MOISÉS, 1990, p. 103-104).

A literatura é uma forma de reagirmos à insatisfação. Ela nos permite fazer com que outras pessoas percebam fatos que já notamos, mas que talvez não estejam muito claros a todos. Conceição Evaristo é uma escritora que aposta no poder de esclarecimento da literatura. A estrutura da obra *Ponciá Vicêncio* considera questões relacionadas à identidade feminina e à identidade étnico-racial, pontuando também, na composição da narrativa, os valores e as visões que negros e negras atribuem a si mesmos.

Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946, e veio para o Rio de Janeiro em 1973. Formou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É Mestre em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada. Evaristo é uma mulher que acredita em sua etnia. Nos anos oitenta, quando a igualdade racial encontrava-se em debate, a autora começou a participar

com o envio de seus poemas à série Cadernos Negros, em São Paulo. Também nesse momento, Conceição Evaristo participou das atividades reivindicadoras do grupo Quilombohoje. Os poemas de Evaristo mostram a carência de um eu-enunciador falar sobre si mesmo e sobre os seus irmãos da mesma cor. A autora abraçou a causa da luta pelos mesmos direitos, procurando desfazer o estereótipo do povo negro na sociedade brasileira. Contudo, a proposta maior de sua escrita era não esquecer o passado real vivido e nem a opressão sofrida. Essa fidelidade ao que foi vivido e sentido em seu âmago é a proposta latente da luta de diversos autores afro-brasileiros que pretendem mudar o mundo no qual vivem. Conceição Evaristo é uma dessas autoras. O romance *Ponciá Vicêncio* procura manter-se sempre fiel à proposta de uma luta ideológica.

## **2 Espaço, memória e identidade na visão dos vencidos**

Michel Foucault (1979) nos afirma que o problema político é, portanto, aquele que investe sobre o corpo aparelho de micropoder e inventa silenciosamente formas de dominação, mas que, contudo, pode também oferecer a oportunidade para novas possibilidades de vida. O próprio Foucault gostava de mencionar que não há relação de poder entre sujeitos livres. Devemos repensar os indivíduos socialmente para que se abram possibilidades de considerações no campo do trabalho, da produtividade, da criação e da autonomia. A literatura feminina no Brasil apresenta-se bastante engajada com as causas que lhe tocam, e as bandeiras da negritude se tornaram importantes para escritoras preocupadas em estabelecer uma conexão entre as linhas das obras literárias e a sociedade contemporânea. Baseada na própria existência e experiência de vida, ou melhor, em sua condição pessoal de mulher brasileira negra, Conceição Evaristo parece acreditar que a literatura é um desses caminhos primordiais de se tentar mudar o mundo. A obra de Evaristo é uma espécie de voz dada aos excluídos da história de nossa terra.

O estudioso Alfredo Bosi (2008) aponta que a maneira mais significativa de analisarmos a relação entre o excluído e a escrita consiste num processo específico:

Em vez de tomar a figura do homem sem letras como objeto, procura-se entender o polo oposto: *o excluído enquanto*

*sujeito do processo simbólico.* [...] pensar o excluído como agente virtual da escrita, quer literária, quer não literária. Como o excluído entra no circuito de uma cultura cuja forma privilegiada é a letra de fôrma? Rastreado os passos desse itinerário (isto é, de um desses itinerários), consigo ver melhor a zona de intersecção que se estende entre a situação de classe e a escrita. Nesse horizonte, atos de ler e de escrever podem converter-se em exercícios de educação para a cidadania (BOSI, 2008, p. 259-261).

Levando em consideração as recomendações de Bosi, entendemos a escrita de Evaristo como um verdadeiro artifício de uma excluída ao exercício de sua cidadania, abrindo caminho para a cidadania de seus conterrâneos étnicos. A memória é a peça chave para expor a realidade presente de determinado povo:

A verdade é que a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas pelo contrário, num progresso do passado ao presente. É no passado que nos colocamos de saída. Partimos de um “estado virtual”, que conduzimos pouco a pouco. Através de uma série de planos de consciência diferentes, até o ponto em que ele se torna um estado presente e atuante, ou seja, enfim, até esse plano extremo de nossa consciência em que se desenha nosso corpo (BERGSON, 1999, p. 279).

O espaço é reconhecido como essencial à criação da identidade do ponto de vista de diversos estudiosos. A essa reflexão do espaço também subentendemos uma leitura das condições sociais e humanas dos indivíduos. Dixon (2005) aponta-nos que todos os aspectos de nossa vida social acabam se revelando dentro de ambientes, ou seja, lugares materiais e simbólicos que são socialmente constituídos e construídos. Esse reconhecimento chamado por ele de ‘dimensão espacial’ é que torna as pessoas acessíveis a novos modos de olhar o fenômeno tal como uma formação de identidades sociais e de relacionamentos. Essa afirmação de Dixon nos faz lembrar as palavras de Stuart Hall (2006) ao concluir que todas as identidades estão localizadas em um tempo e em um espaço simbólicos e que elas possuem o que Edward Said chama de “geografias imaginárias”, ou melhor, elas possuem suas paisagens características, seu senso de lugar, bem como localizações no tempo, nas tradições inventadas que ligam o passado ao presente. Barnes (2000), por vez, nos diz que quem nós somos está indiscutivelmente relacionado ao local onde nós estamos, tenhamos estado ou onde estaremos. Constatamos, pois, que a centrali-

dade do lugar e do espaço para o entendimento do dia a dia de nossas vidas, tem se tornado um tema emergente e recorrente na teorização das ciências sociais. É no espaço de conflito que as relações ideológicas e de poder acabam surgindo de forma a possibilitar a investigação de representações identitárias. A relação social em sua intencionalidade é vista a partir de uma específica leitura do espaço.

Retornando ao pensamento de Hall (2000, p. 109), as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma determinada correspondência. Essas identidades se relacionam com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. A memória histórica constitui um fator de identificação humana, é a marca ou o sinal de sua cultura. Reconhecemos nessa memória o que nos distingue e o que nos aproxima. Identificamos a história e os seus acontecimentos mais marcantes, desde os conflitos às iniciativas comuns. E a identidade cultural define o que cada grupo é e o que nos diferencia uns dos outros.

Jacques Le Goff (1996, p. 476), ao relacionar a memória ao conceito de identidade, define a primeira como “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Para Wehling (2003, p. 13), a memória do grupo, sendo a marca ou sinal de sua cultura, possui algumas evidências concretas. A primeira e mais penetrante dessas finalidades é a da própria identidade. A memória do grupo baseia-se essencialmente na afirmação de identidades.

Apenas mostrando a real condição de seu povo escravizado e, posteriormente, “liberto” é que a autora consegue revelar a sua indignação e revolta. Por meio do contraste fundamental do livro, ou seja, a vida dos descendentes africanos no Brasil sob o domínio da escravidão e a vida desse mesmo povo já liberto, porém levando uma vida com as mesmas condições de domínio e desprezo, é que Conceição Evaristo embasa a sua obra, considerando os aspectos relevantes do jogo Passado *versus* Presente. A memória coletiva de seu povo servirá como suporte para dar veracidade aos fatos da vida dos personagens do livro, principalmente à vida de Ponciá Vicên-

cio, personagem principal da obra. A pseudoliberalidade de um povo que sempre fora escravizado, mesmo após a assinatura da Lei Áurea, torna-se um fator importante para se narrar sobre a história local e fazer uma ponte com o passado histórico.

A explicação tradicional que afirma que a memória reflete o que aconteceu de fato e a história espelha a memória não condiz com a realidade. A história e a memória passaram a se revelar cada vez mais complexas. Lembrar o passado e escrever sobre ele não se apresenta como a atividade inocente que julgávamos até bem pouco tempo. Tanto as histórias quanto as memórias não mais parecem ser objetivas. Tanto em um caso como no outro, os historiadores aprenderam a considerar fenômenos com a seleção consciente ou inconsciente, a interpretação e a distorção. Todavia, o vínculo entre história e memória pode servir como fonte de libertação e não de repetição da opressão já vivenciada por alguns indivíduos ou por alguns grupos. Compreender a história também é ver a mesma pela ótica dos vencidos, pela ótica daqueles que não tiveram a oportunidade de escrevê-la oficialmente. Com isso, Walter Benjamin (1994) prioriza o conceito de rememoração que significa uma ação de transformação ativa do presente pelo passado. Benjamin acredita que situar o passado historicamente não significa conhecer como esse passado realmente foi. O autor tratada existência de um forte conformismo social de se entregar às classes dominantes, como seu instrumento e acrescenta que o historiador tradicional estabelece uma relação de empatia com os vencedores. A história dos vencedores sempre celebrará uma vitória advinda da dominação dos mais fracos e muitos documentos da cultura (documentos, livros, relatos históricos, etc) não passam de meros monumentos da barbárie:

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um documento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera a sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1994, p. 225).

Assim, Benjamin distingue o historiador tradicional do materialista histórico, exaltando, pois, este último. Compreender a história é dar voz aos que não tiveram voz diante da história de um local, ouvindo os diversos preenchimentos, as diversas vozes das centenas de lacunas dessa mesma história.

Dentro do poder da história tradicional é que se mostra o jogo do enredo do romance *Ponciá Vicêncio*. Evaristo escolhe mostrar o pensamento tradicional para depois desconstruí-lo com os seus pontos negativos. Ao ponto que a personagem Ponciá Vicêncio vai se entendendo dentro do jogo social criado pela sociedade em que está inserida, ela se encontra livre para mostrar a sua eterna condenação física e espiritual. O enredo do livro nos mostra homens e mulheres de origem africana que, mesmo na condição de escravos libertos, vivem em nosso país como cidadãos eternamente escravizados e rotulados através de um passado que os condenou, que os massacrou de todas as formas possíveis. A antropóloga Ana Lúcia Valente menciona que:

Os açoites, os grillhões, a violência sexual e a atribuição de qualidades negativas aos negros faziam parte de um conjunto de instrumentos e técnicas de tortura e castigo para domar e subjugar os escravos. E, mais do que a subjugação física, o castigo era importante para fazer o escravo introjetar uma idéia negativa de si mesmo (VALENTE, 1994, p. 25)

Com isso, compreendemos que quando interferimos no corpo, patrimônio primeiro e sagrado, é preciso reconhecer o complexo sistema social e cultural que determina a formação corporal do indivíduo e que estabelece seus padrões de comportamento e dos sentidos. As condições inferiorizadas de negros e negras em termos sociais, econômicos e políticos gerados pela tradição do Brasil escravocrata refletem as mazelas desse regime, como fatores importantíssimos e determinantes na vida dessas pessoas. Os castigos dados aos negros faziam parte de uma pedagogia cruelíssima que procurava subjugar de forma física e mental os escravos. Uma forma de castigo que entranhou nesses homens e mulheres de forma física e mental da escravidão aos dias atuais.

### **3 Evaristo e a intencionalidade de sua obra**

Podemos dizer que o livro *Ponciá Vicêncio* é uma narrativa que visa mostrar a crueldade sofrida por um povo com o propósito de desconstruir o pensamento social vigente. A estrutura da obra de Conceição Evaristo aborda questões relacionadas à identidade feminina e à identidade étnico-racial, considerando imen-

samente em sua narrativa os valores e as visões que negros e negras atribuem a si mesmos. A autora procura ser fiel ao pensamento do povo negro escravizado e fala por si e pelos seus irmãos de cor. Abraçar essa causa de luta pelos mesmos direitos implica em desfazer o estereótipo do povo negro na sociedade brasileira, porém sem esquecer o passado real vivido e toda a opressão sentida. Não adianta achar que a escravidão foi abolida em 1888 se o negro continua escravo dessa condição até os dias atuais. Essa pseudoliberalidade é mais cruel que a escravidão que existiu e é essa a argumentação do livro. Uma linha que segue o passado histórico e político do povo negro irá, de fato, ajudar a mostrar o que se pretende transformar na história do nosso país através dos tempos. Essa fidelidade ao que foi vivido e sentido em seu íntimo é a proposta latente de sua luta.

Vejam agora a interessante colocação que a autora faz sobre a dificuldade que teve para publicar o livro de nossa análise, um livro tão carregado de significação a uma etnia maltratada:

Mandei o romance *Ponciá Vicêncio* para uma editora e não tive resposta. Depois disso, não tentei mais nenhuma. Após algum tempo, resolvi tentar a Mazza por uma questão ideológica, pelo fato de ser uma editora de uma mulher negra. Mas o problema não termina com a publicação de um livro. *Ponciá Vicêncio* já esteve em uma livraria grande aqui do Rio, e eu o levei pessoalmente. Só que o livro não foi colocado no sistema de informática da loja e, portanto, era como se ele não estivesse lá. [...] Quer dizer, um livro de Conceição Evaristo numa grande livraria é colocado lá no fundo, escondido, em último lugar, enquanto o de um autor conhecido já é posto logo na entrada. [...] Além disso, tem a questão da temática do meu trabalho, que é uma faca de dois gumes. Por um lado, ela não interessa, mas com a lei 10.639 [...] esse tema vai atender a uma demanda - só que sempre por uma questão mercadológica, nunca ideológica (EVARISTO, 2006).

A Lei 10.639 é justamente aquela que regulamenta e obriga no currículo escolar o ensino de História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas considerando a pluralidade étnico-racial existente em nosso país. A citada lei permite que os brasileiros conheçam melhor a cultura negra que contribuiu fortemente para a formação da nossa identidade cultural e visa fazer também um resgate histórico para

que as pessoas afrodescendentes conheçam um pouco mais a sua própria história. Apesar de já estar em vigor há um bom tempo, poucas escolas disponibilizam essa disciplina, servindo como uma comprovação do descaso social.

No romance *Ponciá Vicêncio*, a mulher negra aparece como protagonista. Em uma narrativa em primeira pessoa, a narradora busca construir, através de suas vivências, uma identidade feminina afro-brasileira. Certos elementos da narrativa contribuirão para elaborar uma memória cultural brasileira que propõe o recontar da história, sob o olhar de um sujeito marcado pela dominação do sistema racista e patriarcal que constitui a nossa sociedade. Ao longo do romance, podemos perceber uma narrativa de construção bem elaborada. A obra nos narra pequenos acontecimentos do cotidiano nos quais a história da personagem central é contada de sua infância até a maturidade, abordando a relação da personagem com o seu meio e com aqueles que a cercam. De uma narrativa que marca os sonhos e os desencantos da narradora-personagem, a história do romance vai ganhando seus contornos próprios. É no mostrar das mazelas sofridas pela personagem e toda a sua postura de resistência e enfrentamento perante o mundo que a história vai cativando o leitor, caprichando para que esse leitor tome como partido o lado sofrido das memórias da narradora.

Destituída de um nome de família, Ponciá nos narra que o Vicêncio de seu nome, e que todos de sua família também adotam, representa um fardo sobre as suas costas. E esse sobrenome se mostra, não em vão, também no título do livro. **É um sobrenome herdado do dono de seus antepassados e que substituiu a tradicional tatuagem com o nome do dono no corpo do escravo.** O sobrenome Vicêncio se mostrou tão doloroso quanto a tradicional tatuagem que os senhores mandavam fazer nos possuídos. Por toda a vida representará a marca da subalteridade de uma raça sofrida e jamais livre (apesar de uma abolição de escravatura ocorrida no papel). Ponciá não reconhece seu próprio nome e, através de uma postura questionadora que se manifesta já na infância, a protagonista começa a traçar um caminho à procura de si mesma, justamente por sentir-se inferior e desprovida de uma história de vida.

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir

à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quieti, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém (EVARISTO, 2003, p. 16).

Na ausência de uma cidadania reconhecida e de princípios básicos de humanidade, a história do romance vai se desenvolvendo. Nos sinais de submissão e de ausência de identidade, por nunca ter tido autonomia como ser humano, Ponciá mostra também as inúmeras perdas que sofre ao longo da vida: perdeu avô, pai, teve desaparecidos mãe e irmão; perdeu os sete filhos que gerou; perdeu amores, perdeu a crença na vida; perdeu-se nos sonhos. Conceição Evaristo percorre a vida de Ponciá em seus diversos e mais tristes momentos. Com isso, o leitor se debruça nas agruras de um viver cheio de dor ao evidenciar as dores e a solidão que as mulheres negras passam em suas vidas. Todavia, esse mesmo leitor poderá presenciar, através das linhas do romance, a tentativa dessas mulheres em fazer a reconstrução de suas vidas. A dor de Ponciá é dela e de muitos ao mesmo tempo. É dor moral e física, não se distinguindo qual delas machuca mais na alma da personagem. Ponciá Vicêncio procura se reconstruir (ou se encontrar) através da arte: ao moldar o barro com as mãos ela pode se firmar como mulher, como ser humano, fato que nunca tinha lhe acontecido antes.

A concepção de inferioridade em relação à mulher vem desde a antiguidade, tendo-se em relevância o pré-estabelecimento de uma superioridade masculina. À mulher cabia o mero tratamento de ser julgada como um ser que apenas servia para satisfazer as necessidades masculinas e cumprir a função da reprodução humana. A mulher é vista na construção social como “o outro” do homem, aquela que nasceu para cuidar do lar, para viver para toda a família, ou seja, viver para o marido e para os filhos. Ela mesma é colocada em segundo plano, sem expressar suas vontades, sem manifestar seus desejos:

A mulher sempre foi para o homem ‘o outro’, seu contrário e complemento. Se uma parte do nosso ser deseja fundir-se nela, outra, não menos imperiosamente, a separa e exclui. A mulher é um objeto, alternadamente precioso e nocivo, mas sempre diferente. Ao transformá-la em objeto, em ser aparte

e ao submetê-la a todas as deformações que seu interesse, sua vaidade, sua angústia e até mesmo seu amor lhe ditam, o homem transforma-a em instrumento. Meio para obter o conhecimento e o prazer, via para atingir a sobrevivência, a mulher é ídolo, deusa, mãe, feiticeira ou musa, conforme aponta Simone de Beauvoir, mas nunca pode ser ela mesma (PAZ, 1992, p. 177-178).

A condição feminina não se tornou muito diferente no Renascimento, sobrando para si apenas o papel de zeladora do lar e das atividades domésticas. Somente com a Revolução Industrial, a mulher assume uma função mais significativa no mercado de trabalho. Com o uso da máquina, a mulher conseguia um desempenho tão eficaz quanto o desempenho do homem. Houve, então, uma valorização da mulher por ser uma mão de obra mais barata. Com o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho, aumentaram também os casos de denúncia de assédio sexual dentro do universo trabalhista. No século XIX, surgem as primeiras manifestações do feminismo no Brasil, visando o combate à ordem conservadora que excluía a mulher da vida social plena (como o direito ao voto ou de obter os mesmos direitos que os homens possuíam).

No que diz respeito à mulher negra, a situação é duplamente mais delicada devido aos fatores de gênero e etnia que se somam. Essa situação cria uma forte tentativa de inferioridade na identidade cultural dessas mulheres, inibindo muitas vezes a reação delas para lutar contra toda a discriminação sofrida. A historiadora Sônia Maria Giacomini vai mais além questionando:

Como não pensar na negra assalariada, enquanto empregada doméstica, quando se discute que ao escravo era negada a possibilidade de uma vida privada? Como não pensar na babá negra de hoje, que cuida dos filhos da mulher branca burguesa ou pequeno-burguesa enquanto os seus próprios filhos ou não existem ou percorrem soltos morros e ruas de nossas cidades? A escravidão acabou, mas a presenças de suas heranças no bojo das relações burguesas e capitalistas que têm as classes dominantes, de todos os períodos históricos, de incorporar, até onde for possível aos privilégios que lhes são próprios os privilégios de grupos dominantes anteriores (GIACOMINI, 1988, p. 89)

A mulher negra no Brasil recém-liberto é a inspiração da escrita de Conceição Evaristo. A autora acredita na extrema importância da denúncia social de sua escrita e privilegia as suas personagens femininas, criando-as fortes e marcantes. Sobre o fato Inocência Mata (2007) profere:

Agora as escritoras parecem querer ir para além da construção da Nação solapando-a: considerando o tangenciamento entre feminino e mulher, pode afirmar-se que trazem para a cena literária o sentimento individual em toda a sua plenitude (que não apenas aquela que revela do político-ideológico) e querem expandi-lo para lá do nacional e atingir primeiro a condição feminina, depois a condição humana, sem descurar a discussão incomoda dessa condição nas relações internas de poder que trazem ainda a marca da inquietação, numa garimpagem, ainda e sempre, de um “eu” profundamente interior (MATA, 2007, p.430).

Todavia, a estudiosa Gayatri Spivak (1995) aponta que por mais que se tente mostrar por meio da literatura (ou do que quer que seja) uma espécie de voz do reprimido, voz do subalterno, essa possibilidade de libertação jamais ocorrerá. No contexto da produção colonial, explica Spivak, o subalterno não pode falar porque não tem história para contar, uma vez que a sua própria história não é sua de fato, sendo criada pelo dominador. No problema relacionado ao gênero feminino, a sombra é ainda pior, pois quem irá ouvir esse clamor está inserido em um contexto social cheio de vícios. Só a fala não será suficiente para fazer um alerta se as cabeças que escutam estão formadas de acordo com a lógica dominante.

Nas muitas histórias contadas dentro da história do romance, a violência contra o negro e contra a mulher é enfatizada como parte de um engajamento declarado por Conceição Evaristo. O livro vai se moldando como pedaços isolados que se unem com um propósito único: mostrar a dor da escravidão na época da própria escravidão e após a mesma. Esses *flashbacks* da narrativa são essenciais para apresentar o que se pretende no livro e formam uma espécie de colcha muito cruel dos retalhos de vida. Assim, passado e presente se entrelaçam na narrativa, resultando em um novo olhar sobre a história, que é ao mesmo tempo vivida e lembrada. Curtas histórias lembradas com a função de chocar o leitor como, por exemplo, a história do avô que perde parte do braço após tentativa de suicídio e que matou a

própria esposa após presenciar a venda de quatro filhos mesmo estando em vigência a Lei do Ventre Livre ou a história do pai de Ponciá que, ainda menino, servia para satisfazer as vontades do filho do dono das terras, tendo que ser o cavalo de brinquedo do filho do patrão e até aparar com a boca a urina do menino mimado que acreditava que o negro era nada. Seu pai foi *pajem do sinhó-moço, escravo do sinhó-moço, tudo do sinhó-moço, nada do sinhó-moço* (EVARISTO, 2003, p. 18).

A necessidade do testemunho presente ao longo da obra é a prova viva de que somente quem passa por toda a dor é mais capaz de contar as vivências e mazelas que a mesma lhe causou, principalmente em se tratando do sujeito étnico que sofreu as marcas da exclusão e do preconceito, literalmente, na própria pele. Ponciá Vicêncio será a herdeira da memória de seu povo e de sua família. A personagem incorporará o importante papel de porta-voz de seu povo, de seus antepassados, fazendo sempre a ligação necessária para mostrar a realidade entre o passado e o presente dos negros em nossa sociedade. Em uma espécie de diálogo constante, Ponciá nos mostra que aopressão e a falta de liberdade não podem nunca reprimir a consciência da pessoa negra.

Como descendente de africanos que vieram ao Brasil para serem escravizados, Ponciá vive durante a sua infância junto com os pais e um irmão mais velho nas terras do Coronel Vicêncio. Desse sobrenome vem a indicação de quem é dono das terras e dono das pessoas que trabalham ali. A terra que antes pertencera aos antepassados do coronel fora dada aos negros libertos com a singela condição de que eles continuassem na terra do coronel trabalhando para ele. Nessa nova forma de escravidão a [...] cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida (EVARISTO, 2003, p.82).

Todavia, uma questão muito interessante se faz presente na composição da obra: certa crença em dias melhores. A personagem segue em busca de melhores dias na cidade apesar de, de fato, não encontrá-los:

O inspirado coração de Ponciá ditava futuros sucessos para a vida da moça. A crença era o único bem que ela havia trazido para enfrentar uma viagem que durou três dias e três noites.

Apesar do desconforto, da fome, da broa de fubá que acabara ainda no primeiro dia, do café ralo guardado na garrafinha, dos pedaços de rapadura que apenas lambia, sem ao menos chupar, para que eles durassem até ao final do trajeto, ela trazia a esperança como bilhete de passagem. Haveria, sim, de traçar o seu destino (EVARISTO, 2003, p. 35).

Infelizmente, Ponciá que sai em busca de dias melhores na cidade, acaba em uma favela, ao lado de um marido que a maltrata. Por causa de sua descendência escrava, a existência difícil vai confirmando a dificuldade em vários setores da protagonista, recheados de discriminação. Essa situação foi atravessada por ela e pelos membros de sua família que também tiveram na busca de melhores condições de vida na sociedade, uma enorme decepção. Uma consequência que teve seus alicerces no passado africano de cada um. Sua trajetória do espaço rural para o urbano representa uma condição diaspórica, uma fuga da realidade que, ao invés de proporcionar uma realidade melhor, só confirma a dor que os ronda.

Luandi, irmão de Ponciá, também vai para a cidade em busca de sonhos como achar a irmã que havia partido há muito tempo e juntar dinheiro. Luandi chega à cidade [...] sem eira nem beira. Tinha perdido pelo caminho o endereço da irmã. Chegou num dia de chuva e frio. Trazia muita fome também (EVARISTO, 2003, p. 68-69). Maria Vicêncio, mãe de Ponciá e de Luandi, é outra que embarca na travessia do campo à cidade em busca dos filhos. Essa vontade de deixar o povoado rural é mais um exemplo de resistência de Ponciá. Ao perceber as amarras sociais que a prendem a uma vida marcada pela miséria, pelas condições desumanas de subsistência e pela exploração material e psicológica que acompanham todas as gerações das famílias negras da roça, a protagonista decide arriscar-se na construção de um modo diferente de vida. Ponciá vai buscar a sua dignidade, mo-vida, então, por um rompante de coragem, ao apressar-se em pegar o único trem que passaria naquele mês rumo à cidade.

Ao longo do romance, fica muito claro que questões de gênero e etnia claramente se imbricam. Desde a escravidão, os corpos das mulheres negras são usados como instrumentos para assegurar a dominação masculina através do estupro, primeiramente realizado como direito, rito e norma cultural do grupo dominante, branco e masculino: uma metáfora apropriada para a colonização imperialista europeia.

O preconceito racial entre negros e brancos teve origem no escravismo e foi mantido nas relações posteriores, recebendo novas formas. Mesmo com as mudanças nas relações de trabalho e nas formas de opressão, podemos observar que os negros continuaram a ser rotulados no imaginário social brasileiro como “inferiores”. Em nosso país, desde a época da colonização, a mulher branca era considerada valiosa e digna de casamento enquanto a mulher negra (ou mulata) era desconsiderada nesses termos.

O estudioso Luciano Figueiredo (2009) cita que, no Brasil, por volta de 1723, o então governador das Minas Gerais, Dom Lourenço Almeida, chegou a decretar que as mulheres brancas do Brasil não fossem para Portugal devido ao escasso número dessas mulheres por aqui na época; caso isso ocorresse, haveria um desequilíbrio entre o número de homens e mulheres de etnia branca no Brasil-colônia que faria com que os homens locais procurassem as mulheres negras ou mulatas para relações íntimas (que poderiam ser legítimas ou não):

[...] a miscigenação poderia acabar comprometendo a continuidade da comunhão de interesses na relação colônia-metrópole. Chega a ser desnecessário lembrar que para a ideologia colonialista os mestiços, em geral libertos, representam uma população indisciplinada e inquieta socialmente, desclassificados e desligados do sistema escravista-exportador. Toda ação estava orientada por um caráter nitidamente racial: tratava-se da preservação da pureza de classe dos “homens bons”, o que, em última instância, reforçava a elite em âmbito local (FIGUEIREDO, 2009, p. 170).

De acordo com o que foi demonstrado acima, o que esperar do comportamento social em relação à mulher negra vista como nada? Na época da escravidão, o estupro seria o mecanismo pelo qual o homem branco exerceria seu poder de dominação, indicando seu potencial domínio sobre três setores sociais: sobre as mulheres negras, que faziam parte do grupo dominado e fisicamente mais desrespeitado, sobre as mulheres brancas, já que a exploração sexual das mulheres negras era usada para humilhar e degradar as esposas brancas, impondo e reforçando a dominação falocêntrica também no espaço privado; e também sobre os homens negros, na medida em que esse ato lhes fazia lembrar a perda do poder e status social desses dentro das relações escravagistas; o estupro seria, então, o gesto simbólico da castração (HOOKS, 1991, p. 58).

Apesar da fraqueza e do domínio sofrido pelas mulheres no romance (domínio da prostituta Biliza), Evaristo mostra a força da mulher de origem negra no romance. O pai de Ponciá, apesar de resmungar, tinha suas ações orientadas pela esposa. Nêngua Kainda, uma velha senhora negra, era a consciência do grupo, era uma espécie de ícone da presença ancestral do povo afrodescendente. Descrita no romance como uma “mulher sempre velha, muito velha como o tempo” (EVARISTO, 2003, p. 95), cuja voz bem baixa proferia palavras em uma “língua que só os mais velhos entendiam” (idem, p. 96), tinha a sua presença na vila como sinônimo de respeito. A autoridade da personagem Nêngua Kaindaé símbolo do conhecimento e da riqueza cultural do povo africano.

Na arte de modelar o barro, Ponciá se refaz das dores e dos traumas de uma vida injusta. A arte se apresenta como um fator de recuperação e de recriação. Nesse caso, não podemos deixar de tocar na questão religiosa que envolve o barro, aludindo ao fato de Adão ter sido criado do material em si. Na criação com esse material, a personagem procura “ressurgir”, “renascer” de sua invisível e morta existência. O trabalho com o barro liga a protagonista com sua ancestralidade africana, pois a fabricação de peças e utensílios com esse elemento foi uma das atividades características das comunidades quilombolas espalhadas pelo Brasil.

A condição diaspórica de Ponciá sempre marcará o que, de fato, ela e os seus possuem em nosso país, ou seja, nada. Ao sair do seu povoado, ela procurava se encontrar na cidade grande, mas não se achou. Viu que a cidade não passa de um mero reflexo da condição de vida escrava que levava no interior, reservando-lhe o que há de pior. Por vez, em seu povoado ela nada possuía e dentro da pseudoliberalidade que recebera, ela continuava escravizada, trabalhando para o enriquecimento do dono das terras. Essa condição de Ponciá representa a condição do próprio povo negro que chegou ao Brasil em navios negreiros, arrancado de sua terra para nunca ter nada e não constituir coisa alguma. Ponciá percebe isso tudo e se abate. O final do livro reflete essa conclusão da protagonista (que se prostra ao perceber que aonde quer que vá a sua vida será sempre a mesma). Com isso, retomamos as palavras proféticas de Nêngua Kaina em relação ao destino de Ponciá. A velha negra proferiu que “[...] para qualquer lugar que ela fosse, da herança deixada por Vô Vicêncio ela não fugiria. Mais cedo ou mais tarde, o fato se daria, a lei se cum-

priria” (EVARISTO, 2003, p. 60). A herança de Vô Vicêncio representa justamente a decepção e a tristeza de um povo cansado de sofrer. Tudo isso Ponciá herdou. Daí, a personagem se fecha para a vida.

#### **4 Conclusão**

Narrado do ponto de vista dos vencidos e não dos vencedores, o belo romance de Conceição Evaristo vai ilustrar a proposta defendida por Walter Benjamin. A autora pertence à geração de criadores afrodescendentes engajados na construção de novos paradigmas de expressão e representação culturais. Com a proposta de analisar criticamente e denunciar as formas de opressão que atuam sobre sujeitos marcados pelo gênero, pela raça e pela classe, tais escritores travam uma batalha social por intermédio de suas escritas em nome da igualdade. Essa postura político-ideológica tem permitido que, nas últimas décadas, sejam percebidos e estudados na literatura brasileira textos que promovem a desconstrução de esquemas de representação hegemônicos. Tais autores comungam da ideia que a literatura precisa passar sabedorias diversas e não apenas entreter. A própria Evaristo profere isso através do livro que analisamos:

Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara pra trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda (EVARISTO, 2003, p. 127).

A autora assume uma postura investigativa a respeito das configurações da identidade negra e de seus esquemas de representação pela sociedade, sem perder de vista a análise de um processo histórico marcado muito negativamente pela diáspora. Evaristo entra no mérito que a cultura negra tem sua base nas experiências, na oralidade, na memória e nas tradições de seu povo e está ligada às esperanças, ao sofrimento, às aspirações e aos cenários locais de pessoas comuns que foram, no passado, arrancadas involuntariamente de seus lugares de origem. Essas pessoas carregaram em suas memórias as marcas e expressões de sua cultura, transmitidas,

de geração em geração, através de experiências cotidianas. É a partir deste processo de reconstrução cultural e identitário que surgem as estratégias de resistência negra na diáspora, pois a cultura negra sempre foi colocada em contraposição com a cultura branca dominante. O negro é, enquanto ser colonizado, definido a partir de uma série de negações e estereótipos. A autora aponta tudo isso para mostrar o sofrimento de um povo que não tem vez, nem lugar.

Essa denúncia da literatura em busca de uma identidade étnico-racial está presente para somar e fazer refletir, nas mentes dos leitores, a hipocrisia que nos ronda.

## **The non-place of black people depicted in the Novel *Ponciá Vicêncio* by Conceição Evaristo**

### **Abstract**

This study aims at analyzing the work *Ponciá Vicêncio* written by Conceição Evaristo regarding the representation of black people non-place in the novel. In the mentioned work there is a concern to show the true face of black people in our country, i.e., a face full of inferiority and prejudice that the social imagery created over slavery in Brazil. The authoress is a sort of spokeswoman for the anxieties that haunt the aforementioned race. As a person who belongs to this suffering group, Evaristo knows how to show, better than anyone, the pain this group feels. Throughout the book, the authoress requires a better social care for this ethnic group so full of values and so brave.

**Keywords:** Blackness. Space. Memory. Identity. Evaristo.

### **Referências**

BARNES, Richard. *Losing ground: locational formulations in argumentations over new Travellers*. Plymouth: Plymouth University, 2000.

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: M. Fontes, 1999.
- BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.
- DIXON, Patrick. *Sabedoria do futuro: seis faces da mudança global*. São Paulo: Best-seller, 2005.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- EVARISTO, Conceição. Escritora negra fala sobre preconceito racial. *CONLUTAS-DFE*, 22 mar. 2006. Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/CONLUTAS-DFE/message/1617>>. Acesso em: 10 nov. 2010.
- FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GIACOMINI, Sônia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HOOKS, Bell. *Yearning: race, gender and cultural politics*. London: Turnaround, 1991.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- MATA, Inocência. Paulina Chiziane: uma coletora de memórias imaginadas. *Metamorfoses*, Rio de Janeiro, n. 1, 2000.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e post scriptum*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivantina: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri. Can the subaltern speak? In: ASHCROFT, Bill; GRIFFITH, Gareth; TIFFIN, Helen. *The postcolonial studies reader*. London: Routledge, 1995.

VALENTE, Ana Lúcia E. F. *Ser negro no Brasil hoje*. São Paulo: Moderna, 1994.

WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José. As estratégias da memória social. *Brasilis: Revista de História Sem Fronteiras*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, 2003.